



Educação Democrática e Humanizadora

A pedagogia e a infância que queremos

Bernard Charlot | Celso Vasconcellos
Jaqueline Moll | Marineide Gomes (Organizadores)





Educação Democrática e Humanizadora

A PEDAGOGIA E A INFÂNCIA QUE QUEREMOS

Organizadores

Bernard Charlot
Celso dos Santos Vasconcellos
Jaqueline Moll
Marineide de Oliveira Gomes

UniProsa – Universidade que versa a prosa

São Paulo - SP

Setembro de 2023

Copyright © 2023 UniProsa – Universidade que versa a prosa
www.uniprosa.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AOS ORGANIZADORES. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, para uso comercial (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998). É autorizado o uso do livro ou de partes do livro para ações de formação, desde que sejam indicados o título do livro, o nome dos organizadores, a editora e, se for usado um texto particular, o nome do autor e o título desse texto.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Paulo Santos Lima Júnior e Adriana Beatriz Gandin

Revisão
Educon

ISBN: 978-65-00-83434-5

DOI:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P371 A pedagogia e a infância que queremos [recurso eletrônico] : / organizadores Bernard Charlot ... [et al.] . – Dados eletrônicos. – São Paulo : UniProsa, 2023.

Livro eletrônico.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader [PDF], Leitor ePub e Kindle.

ISBN 978-65-00-83434-5

Demais organizadores: Celso dos Santos Vasconcelos, Jaqueline Moll, Marineide de Oliveira Gomes.

1. Educação. 2. Infância. 3. XXX. I. Charlot, Bernard. II. Vasconcelos, Celso dos Santos. III Moll, Jaqueline, Gomes, Marineide de Oliveira. IV. Título.

CDU: 37

Bibliotecário responsável: Cristiane Pozzebom - CRB 10/1397

Coleção Educação Democrática e Humanizadora – UniProsa,
dirigida por Celso dos Santos Vasconcellos e Valdo José Cavallet.

LIVRO JÁ PUBLICADO:

Por uma Educação Democrática e Humanizadora (2021).

<https://www.eades.com.br/ebooks/por-uma-educacao-democratica-e-humanizadora.pdf>



www.uniprosa.com.br



Educação Democrática e Humanizadora

A PEDAGOGIA E

A INFÂNCIA QUE QUEREMOS

Autores

Adriana Beatriz Gandin
Ana Ruth Starepravo
Bernard Charlot
Celia Maria Rodrigues da Costa Pereira
Celso dos Santos Vasconcellos
Cesar Nunes
Cipriano Luckesi
Danilo Gandin
Eanes dos Santos Correa
Eliane Pinheiro Fernandes
Isabel C. H. Parolin
Itamar Nunes da Silva
Jane Patricia Haddad
Jaqueline Moll
Júlio Furtado
José Carlos Libâneo
José Pacheco
Katia Cristina Barbatano dos Santos Borges
Luca Rischbieter

Maria Agraciada
Maria Carmen Silveira Barbosa
Maria de Lourdes Rangel Tura
Maria do Socorro de Souza
Marineide de Oliveira Gomes
Mário Sérgio Vasconcelos
Matheus Batalha Moreira Nery
Miriam Augusto da Silva
Paulo Santos Lima Júnior
Pedro Demo
Raquel da Silva Basto
Roseli Ferreira de Souza Araújo
Simone Datoguêa Silva
Susan Regina Raittz Cavallet
Terezinha Azerêdo Rios
Tiago Rufino Fernandes
Veleida Anahí Cápuia da Silva Charlot
Yan Wagner Cápuia da Silva Charlot

Sumário

PREFÁCIO-APRESENTAÇÃO

Bernard Charlot, Celso dos Santos Vasconcellos, Jaqueline Moll, Marineide de Oliveira Gomes 6

SER CRIANÇA: AS INFÂNCIAS..... 14

CRIANÇA: UM PEQUENO SAPIENS QUE HERDOU UM MUNDO HUMANO
Bernard Charlot 15

“O PAI DO HOMEM”: ÓRFÃO DE SI MESMO?
Júlio Furtado 20

INFÂNCIA, RESSIGNIFICAÇÃO DE OBJETOS E FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADE
Tiago Rufino Fernandes 24

GERAÇÕES DIFERENTES EM UMA PROSA SOBRE INFÂNCIA: O QUE FOI, O QUE É, E O QUE PODE VIR A SER
Maria do Socorro de Souza 28

O QUE PODE A CRIANÇA DO FUTURO? A CRIANÇA DO FUTURO É UMA CRIANÇA?
Eanes dos Santos Correia, Veleida Anahi C. da Silva Charlot 36

O ESPAÇO-TEMPO DA INFÂNCIA BRASILEIRA
Matheus Batalha Moreira Nery, Yan Wagner Cápuia da Silva Charlot 41

O VIVER CRIANÇA
Maria de Lourdes 47

APRENDER COM O OLHAR DA CRIANÇA
Celso dos Santos Vasconcellos 52

EU E AS CRIANÇAS 58

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA, VIVÊNCIAS, RESSONÂNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
José Carlos Libâneo 59

SE FOSSE POSSÍVEL
Susan Regina Raittz Cavallet 66

QUEM É O SUJEITO CRIANÇA FRENTE AO IMPERATIVO “SEJA FELIZ”
Jane Patrícia Haddad 72

REUMANIZANDO
José Pacheco 79

QUANTA VIDA CABE EM 14 ANOS?
Adriana Beatriz Gandin, Paulo Santos Lima Júnior 84

PEDAGOGIA E A INFÂNCIA QUE QUEREMOS
Maria Agraciada 88

INFÂNCIA E FELICIDADE
Terezinha Azerêdo Rios..... 92

EU QUERO QUE AS CRIANÇAS POSSAM BRINCAR “DE GUERRA”
Luca Rischbieter 98

CRIAR, EDUCAR, FORMAR.....	103
TODA IDADE É IDADE CERTA	
Pedro Demo	104
A MEDICALIZAÇÃO DAS INFÂNCIAS	
Isabel Cristina Hierro Parolin	108
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVIDADE: O DUALISMO DESUMANO NA ESCOLA	
Mário Sérgio Vasconcelos	114
A CIÊNCIA E A CRIANÇA: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL	
Ana Ruth Starepravo	119
RESILIÊNCIA, ALTRUÍSMO: AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS	
Eliane Pinheiro Fernandes	125
LUDICIDADE E INFÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	
Célia Maria Rodrigues da Costa Pereira	132
A SENSIBILIZAÇÃO MUSICAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UM TOQUE DE CLASSE NO DESENVOLVIMENTO DA ALTERIDADE E NA INTERAÇÃO NO MEIO SOCIAL	
Itamar Nunes da Silva	138
O QUE ENTENDER POR INFÂNCIA E POR EDUCAÇÃO INFANTIL: UM COMEÇO DE CONVERSA	
Cesar Nunes	143
EM RESPEITO AOS BEBÊS, CRIANÇAS, SUAS FAMÍLIAS, TERRITÓRIOS E FUTUROS PROFESSORES E PROFESSORAS: CONSTITUIR UMA FORMAÇÃO INICIAL CONSISTENTE, CRÍTICA, SENSÍVEL E PROPOSITIVA	
Maria Carmen Silveira Barbosa	148
PERÍODO DE FORMAÇÃO ESCOLAR, ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO	
Cipriano Luckesi	153
O QUE ESPERAR DA PESSOA QUE CONCLUI O ENSINO MÉDIO	
Danilo Gandin	157
PARA NÃO FALAR COM AS PAREDES: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO E DA ESCUTA PARA CONSTRUIR RELAÇÕES SAUDÁVEIS NA ESCOLA	
Katia Cristina Barbatano dos Santos Borges, Miriam Augusto da Silva, Raquel da Silva Basto, Roseli Ferreira de Souza Araujo, Simone Datoguêa da Silva	162
INFÂNCIAS, ESCOLAS, PEDAGOGIAS E CONTEXTOS: MEMÓRIAS E FAZIMENTOS	
Jaqueline Moll	168
INFÂNCIAS E DIREITOS: QUANDO AS INFÂNCIAS GANHAM ROSTO (E VOZ)	
Marineide de Oliveira Gomes	174
OS AUTORES DO LIVRO.....	180
UniProsa - Apresentação	188

PREFÁCIO-APRESENTAÇÃO

Este livro traz contribuições de proseadores - educadores, pesquisadores, intelectuais da UniProsa/Universidade que versa a Prosa - que têm em comum o apreço pela boa conversa (interessada ou desinteressada) e a certeza de que no Brasil o acesso a uma educação democrática, cidadã e humanizadora ainda não é realidade para a maioria da população, à semelhança da sociedade desigual e carregada de obstáculos à concretização de direitos em que vivemos, entre outros aspectos, resultante da matriz autoritária e violenta da nossa sociedade.

O livro é o segundo produzido pela UniProsa. O primeiro é intitulado *Por uma Educação Democrática e Humanizadora*, título que define o universo filosófico, ético, político e pedagógico que une os membros da UniProsa e os autores dos seus livros, além das diferenças, reais, entre eles.

Por que escrever livros? O projeto é disponibilizar textos que possam ser usados na formação ou autoformação de educadores e professores e, de forma mais geral, de qualquer pessoa interessada na questão da infância e da educação. Tal projeto implica, também, escrever textos curtos, de acesso fácil do ponto de vista teórico e linguístico e disponibilizados em um e-book gratuito. Essa foi a única obrigação dos autores. Além dela, sua liberdade foi total, tanto na escolha do tema, como no estilo do texto. A organização do livro e o sumário foram construídos a posteriori pelos organizadores – que tiveram que escolher entre várias possibilidades de agrupamento dos textos. Portanto, o próprio leitor pode passear à vontade pelo livro e até construir outro livro a partir dos vários textos, o livro do seu coração e da sua mente.

Os proseadores (autores) do livro que trazem histórias e percursos trilhados em contextos, gerações e ambientes diversos, tiveram a tarefa de responder à pergunta: Que Infância e Pedagogia

queremos? Esse querer, como desejo coletivo, é compreendido aqui no entrecruzamento que envolve os processos educativos humanizadores e democráticos e a urgência em contribuir para a reflexão de educadores, especialmente aqueles que desenvolvem seus ofícios no terreno das infâncias, convidando-os a revisitar concepções, práticas, formas de organizar os tempos-espacos institucionais e alargar horizontes sobre as crianças reais que adentram cotidianamente esses ambientes educacionais.

São infâncias (no plural), reais, determinadas historicamente, com formas diversas de viver os tempos de ser criança, considerando as lacunas sociais, econômicas e culturais que dificultam que todas as crianças possam ser vistas, viver e fruir desse período privilegiado da vida, longe da visão romântica e descontextualizada de bondade e inocência, inspirada em ideais pedagógicos, infelizmente, ainda presentes na atualidade.

Do ponto de vista legal, as crianças conquistaram a condição de sujeitos de direitos e de produtoras de cultura, como seres integrais, potentes, enigmáticos, sensíveis e capazes de agir de forma inteligente diante das coisas do mundo, em um processo crescente de experiências e descobertas, com lugar central para as linguagens simbólicas, que permanecem na vida adulta. Pelas palavras de Bachelard (2009, p. 95) “uma infância potencial habita em nós.”

Ser criança significa pensar e sentir de forma diferente dos adultos, o que se faz por meio das percepções e dos sentidos, pelo uso da intuição, imaginação e da capacidade de inventar, olhar e, insistentemente, fazer perguntas curiosas e instigadoras. O brincar, o encantar-se, as analogias e as metáforas são recursos de primeira hora usados pelas crianças para dar sentido ao mundo, na tentativa de interpretá-lo, assim como a realidade que a contorna e poder se encontrar em um lugar nesse mundo. Por essa ótica, a criança não é um vir-a-ser, ela já é!

Ao fazer a pergunta sobre a Pedagogia que queremos, nos ocupamos dos ambientes em que ocorrem os processos educativos em que a formação humana acontece de maneira intencional, o que supõe considerar a dinâmica da realidade que é multifacetada, multidimensional e em permanente mudança e abriga contradições e disputas que carecem de leitura e interpretação, à luz de uma perspectiva de direitos (para todos).

O livro segue uma lógica que foi produzida pelos organizadores a partir da leitura dos textos, buscando preservar as intenções de cada proseador, autor e autora. E ao responder à pergunta-objeto do livro, foi necessário que os autores que aceitaram esse desafio, percorressem olhares, revisitassem memórias, escritos, saberes e fazeres, destacando a essência da contribuição de cada um nos textos, sem descuidar do aprofundamento, capaz de produzir um diálogo que faça sentido aos leitores.

Vamos à obra.

A primeira parte do livro traz perspectivas sobre o “Ser criança: as infâncias” - considerando tanto a especificidade etária, como a diversidade da compreensão das infâncias. As reflexões versam sobre os processos de hominização e de humanização e o papel da Educação, considerando a trajetória histórica da humanidade e a autonomia na construção dos próprios caminhos, sendo a infância um período privilegiado que marca a vida adulta, o que implica na superação de concepções dicotômicas (por exemplo: o lúdico versus o trabalho), a produção da experiência infantil pelo brincar e a resignificação na constituição de subjetividades.

Em uma perspectiva de passado, presente e futuro, pessoas de diferentes gerações concebem as infâncias a partir de linhas-mestras: os cuidados, as conquistas e os desafios de cada tempo histórico, em que a consciência do corpo e do ‘eu’ ocupam lugar importante nos processos educacionais. São infâncias atravessadas por múltiplas simultaneidades, não padronizadas, vistas a partir do viver-criança, em

que a inteligência, a afetividade e a sensibilidade ganham destaque. Uma educação democrática, integral e humanizadora supõe um olhar em direção ao outro e um olhar para o mundo, reeducando o olhar do educador com novas atitudes e posturas, a partir das lições dadas aos adultos, pelas crianças.

Na segunda parte, o tema “Eu e as crianças” permitiu aos proseadores trazerem diferentes perspectivas sobre o assunto, em um exercício simultâneo de revisitação das memórias das próprias infâncias, com posicionamentos sobre os desafios atuais nesse campo. Uma delas é a importância do meio físico e social no desenvolvimento infantil e no protagonismo dos professores e da escola na apropriação e no impulsionamento de valores simbólicos e da cultura, que dão sentido à experiência humana. Outra perspectiva é compreender o educar como processo de convivência com o outro, sendo a educação democrática e humanizadora uma aposta que supõe ações educacionais que visem a decolonialidade, a emancipação, o acolhimento e os cuidados, podendo transformar as práticas escolares em um processo de reumanização, em que a escuta e o acompanhamento estejam presentes, por meio da reedição de desejos e da mediação efetiva entre humanos, em uma escola organizada de forma a fazer sentido para os sujeitos que a produzem.

Nessa reflexão, não se deve esquecer que a humanidade que compartilhamos se realiza sob várias formas culturais e, portanto, que se é criança de forma diferente nos povos originários, nas periferias ou na classe média dos bairros centrais de nossas cidades. De todo modo, a infância é um período de ingresso no mundo humano, mas as formas desse mundo são diversas e, portanto, as infâncias são plurais, bem como as formas de ser criança.

A felicidade e as infâncias teriam lugar nas escolas? Para alcançar essa intenção seria necessário criar condições institucionais objetivas para o exercício da vida plena, da convivência aberta e criativa, do bem comum (ética) e para a existência cidadã, pelo olhar

crítico, profundo, abrangente guiado pelo desejo de aprender das crianças. Nessa escola feliz seria importante ter lugar para brincadeiras de faz-de-conta que abrigassem repertórios diversos, como ambientes imagináveis e de descargas de frustrações e de afetividade.

A terceira e última parte do livro “Criar, educar, formar”, a mais densa, busca apresentar os desafios presentes em processos educativos que envolvem essa tríade (já tratada nas partes anteriores), nos diferentes ambientes em que o ser humano se desenvolve como espécie, como ser social e como sujeito do conhecimento, aberto a novas aprendizagens. Nessa parte do livro os proseadores apresentam reflexões acerca de representações de educadores e educadoras sobre a criança como sujeito ativo do processo educacional, com abordagens institucionais, políticas e com consequências pedagógicas práticas. O livro é finalizado com uma reflexão acerca do atual papel da escola e das instituições educacionais na sociedade, que sejam capazes de dar conta de uma educação plena que atue na incompletude humana, na dimensão humana ontológica de “ser mais” (FREIRE, 1996).

Sobre as representações de crianças e suas consequências pedagógicas, para fazer frente a uma sociedade desigual que produz uma escola excludente, a construção de uma escola democrática e acolhedora implicaria na criação de ambientes seguros para a aprendizagem e o desenvolvimento, que valorize a produção das subjetividades humanas, por meio de uma educação integral, conectada territorialmente e com a vida, que aproxime a criança do cientista, por meio de um olhar investigativo, revisitando e recuperando, de forma crítica, termos capturados pela políticas neoliberais como as habilidades socioemocionais, a meritocracia, o individualismo, o conformismo e a naturalização da exclusão.

A ludicidade, a ética, o compromisso profissional das equipes escolares e a relação dialógica com as famílias são outros ingredientes imprescindíveis em instituições educacionais humanas e democráticas, com especial destaque para as artes, pelo desenvolvimento dos

sentidos, valores, emoções e tradições culturais. Essa representação de criança, obviamente, rompe com a ideia de que há uma idade certa para aprender isso ou aquilo e com a medicalização da infância que, muitas vezes, decorre dessa ideia.

Desde a educação infantil (primeira etapa da educação básica) e adentrando no ensino fundamental, isto é, nas primeiras etapas da educação básica, seria importante que a organização do trabalho pedagógico fosse pautada na consistência, na crítica, na sensibilidade e na proposição, a partir da unidade teoria e prática, de modo articulado com as políticas de formação de professores para esse segmento etário, que precisariam ser mudadas, uma vez que a elevação do patamar de qualificação profissional de professores polivalentes (nível superior) que atuam com crianças pequenas não alterou a qualidade educacional em creches, pré-escolas e anos iniciais do ensino fundamental. Vale lembrar que a atual educação básica no Brasil passou por mudanças e reformas e representa um período fundamental na formação humana e cidadã (0-17 anos), não obstante a evasão escolar e o ensino-aprendizagem não satisfatórios serem fantasmas que rondam o cotidiano das escolas e que merecem ser vistos e superados, em sua complexidade.

Por essa razão, transformações, mais que mudanças, são necessárias na educação básica para que um jovem recém-saído do ensino médio seja um cidadão aberto à curiosidade, tenha desenvolvido nesse percurso formativo a esperança, utopias e a consciência social, com capacidade para transformar realidades (em processos coletivos intencionalizados para a justiça social, por meio do exercício da participação e da divisão de poder).

Ao terminar o livro e como forma de fazer frente aos dilemas e desafios colocados até aqui, os proseadores alertam para a urgência de se promover relações saudáveis por dentro das escolas, com trabalho coletivo, na forma de parcerias críticas entre educadores, com tempos institucionais de escuta, visando a construção de vínculos, a

validação de saberes e o estímulo à sede de aprendizagens entre as equipes de trabalho e, de modo análogo, com os estudantes, com a alteração de rotinas escolares, via de regra pautadas em controles e imposições.

Trata-se assim de “desarrumar a casa”, desemparedar/desconfinar as infâncias e aprender as lições que as crianças nos oferecem cotidianamente, entendendo as escolas e as instituições educacionais, em geral, como ambientes de viver, brincar, desfrutar e apreender, entremeando saberes escolares, práticas sociais/culturais e experiências de vida, elementos imprescindíveis para pautar as políticas educacionais e sociais. É preciso ainda - como pessoas adultas, educadores, pesquisadores - garantir e preservar avanços históricos e fortalecer redes territoriais de direitos para as infâncias, em meio às desigualdades, violências e invisibilidades, de modo a alcançar políticas intersetoriais, transversalizadas por um olhar educativo com e para as novas gerações, que clamam por um mundo mais igualitário, democrático, humano e fraterno.

Até aqui os proseadores puxaram a conversa sobre que infâncias e pedagogias queremos em uma sociedade com uma perspectiva educacional pautada nos valores humanos e democráticos, em uma tecitura instigadora e complexa de pontos de vista, que se fazem (e se refazem) no dia a dia das escolas e instituições educacionais. Assim como quando contamos histórias para as crianças, convidamos você, leitor ou leitora, a adentrar nessas breves narrativas e imaginar-se em uma prosa coletiva - sem início ou fim - e continuar a trilhar conosco esse caminho (real) de posicionamentos e indagações, podendo recriá-los.

Boa leitura!

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Bernard Charlot
Celso Vasconcellos
Jaqueline Moll
Marineide de Oliveira Gomes
(Organizadores)

CRIAR, EDUCAR, FORMAR

TODA IDADE É IDADE CERTA

Perambulou um vídeo na UniProsa, mostrando uma menina de 7 anos fazendo palestra de adulto. Considerei exploração infantil, porque, nessa idade, nenhuma criança faz palestra, a não ser domesticada pelos pais ou por algum coach. A infância é para outras atividades, sobretudo lúdicas, que vão desenvolvendo as condições de um sujeito que, aos poucos, no seu tempo, vai vislumbrando poder protagonizar, mesmo apenas relativamente, sua história. Piaget, pesquisando como a criança aprende, reconheceu que ela pode aprender bem cedo alguns rudimentos da educação científica, digamos no pré-escolar, com 4 anos. Na verdade aprende desde que o cérebro entra em formação, na condição fetal, e, nos primeiros anos, não se conhece “engenho” mais capaz de aprender do que uma criança. Por exemplo, brincando com colequinhas, aprende uma segunda língua “sem querer”. No pré-escolar ela pode, curiosa e lúdica, interessar-se para perguntar sobre a realidade, ensaiando esquemas explicativos iniciais, nos quais a realidade se encaixaria. Logo descobre que nem tudo aí se encaixa e ensaia novas hipóteses. Para Piaget, esta desequilíbrio mental sem fim, em toda idade, é aprender. Criança gosta de experimento, de laboratório, de indagação – ludicamente – porque é um jogo humano sem fim tentar conhecer a realidade que nos cerca, inclusive conhecer a nós mesmos. É comum aceitarmos a ideia de que o melhor tempo para aprender é na infância, porque o cérebro se mostra tanto mais efetivo em sua maleabilidade e auto-organização, indicando o estilo autoral de aprender ativamente. Organismo passivo não aprende – por isso a criança é um organismo que não dá para desligar, mexilhona, incansável, curiosa.

Temos sempre quem queira medir, cronometrar as habilidades humanas, e, para tentar redimir uma história paralisada de alfabetização na escola, veio a proposta de que alfabetização se dá em até 3 anos. Um prazo estranho, porque é um ato falho: como sabemos

que a escola não dá conta de alfabetizar minimamente bem, exceto para as classes favorecidas, inventa-se um prazo, porque prazo parece coisa séria e vai ser resolvido ... no prazo! Não funcionou, não só pela leseira escolar e dificuldades maiores das crianças mais pobres, mas também porque aprender não tem prazo. De novo, o MEC quer reinventar a alfabetização e, requentando o PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) e ecoando a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), agora o prazo é de até 2 anos (embora na BNCC se ameace com um período sem fim de ortografização, do arco da velha). Aprender é uma dinâmica aberta, talvez a dinâmica biológica mais maleável que conhecemos. Toda idade é idade certa para aprender, embora seja visível facilmente que aprendemos melhor na infância. Mas, mesmo na velhice, podemos aprender; nunca é tarde. Nem é o caso apressar a idade, como no vídeo da menina que, aos 7 anos, faz palestra, na posição de manipulada.

Convém distinguir entre aprender e alfabetizar-se; aprender é habilidade genérica, que não tem começo, não tem idade inicial; alfabetizar-se é uma aprendizagem específica das sociedades letradas que acham ler, escrever e contar uma habilidade imprescindível. Dificilmente, hoje em dia, uma criança não vê letra, número em seu entorno, ou em casa. Crianças de famílias abastadas veem letra e número cedo, sobretudo no celular, que vem se tornando um efetivo método de alfabetização, mais efetivo que a escola. Por ser alfabetização também um processo de aprendizagem, é dinâmica aberta. Seria mais adequado considerar a escola básica toda como alfabetização. Terminando a escola básica (o ensino médio), terminou a escola ou a idade escolar, não a alfabetização. Em seu lado aberto, segue até ao fim da vida.

O que ainda não aprendemos bem, é que aprender não vem de fora, exceto como mediação. Não há ensino que produza diretamente aprendizagem, porque esta não pode ser causada de fora linearmente. O professor pode contribuir muito, como fator externo, para a

aprendizagem da criança, se aceitar que sua função é maiêutica. Este desafio está longe de ser bem equacionado. Em pré-escolares razoáveis, o ambiente pode ser muito adequado à criança – lúdico, instigante, variado, colorido, ativo... – ela é a razão dos adultos que a cercam. Também não há prazos rígidos, nem aula, prova, avaliação formal. Há ritmos abertos, não prazos. Chegando ao ensino fundamental, para se alfabetizar, tudo muda. Prazo é mais importante que o aluno: 50 minutos de aula. Precisa ficar sentado escutando o adulto falar, quieto, atento. Lá no pré-escolar, a criança se senta e logo se levanta, anda e volta, fala e se diverte. Na escola não. Está sob comando disciplinar com hora marcada. Uma criança presta a atenção alguns minutos ou segundos. Pretender que ela se concentre tanto tempo, é uma interferência adulta, uma manipulação. Seria mais adequado merecer a atenção da criança, aliás um princípio pedagógico fundamental da escola e da universidade. Não estamos dando conta da alfabetização, em parte pelo menos, porque não é uma proposta para a criança; é para a escola, o professor, o diretor. A menina de 7 anos que faz palestra, indica não ser algo dela e para ela, mas do adulto para o adulto. Isto sugere que para alfabetizar crianças, primeiro, é preciso o alfabetizador à altura da criança. Segundo, sua preocupação maior não será repassar currículo ou cumprir prazos e tamanhos, mas cuidar do desenvolvimento integral da criança, em seu ritmo, em sua motivação, em sua ludicidade. Terceiro, não se tratando de produto acabado, mas de processo aberto, o que mais importa é achar na criança sua expressão própria, ritmo, passo, autoria. O alfabetizador, propriamente, não alfabetiza; cuida que a criança se alfabetize nas atividades de aprendizagem da quais ela é a protagonista.

A ideia de uma “idade certa” é uma cronometragem alucinada, inventada para desviar a atenção da inépcia generalizada da alfabetização escolar para uma idade certa, que teima em ser incerta. O mais certo da idade certa é que não é certa. A idade, certa ou incerta, passa. A idade certa está entre as motivações mais comuns para se

adotar a progressão automática: deixando para depois, nunca mais acontece adequadamente. O Brasil é prolífero em programas de alfabetização, da direita e da esquerda, e tem o patrono mundial da alfabetização (Paulo Freire), mas ainda não resolveu na escola, porque esta não é feita para a criança. Observando que sequer metade das crianças, depois do prazo, não se alfabetizou, isto indicaria que elas foram vítimas de uma pedagogia alienada. Daqui a 10 anos, faremos outra proposta de alfabetização e mexeremos, de novo, nos prazos.

De repente, alguém com 60 anos de idade busca uma EJA e aparece na escola. Esta logo estigmatiza como fora da idade. Perdeu o trem. Em si, é edificante ver alguém buscando alfabetizar-se depois da “idade certa”, tanto que reconhecemos como direito. Mas a escola, bem concretamente, não acolhe; se vinga. Não faz uma proposta para esta pessoa com 60 anos, que é razão da proposta. Oferece a mesma escola, porque a pessoa deveria ter 6 anos. Resultado: grande parte dos alunos da EJA não conclui. É ainda mais contundente em quem, depois de expulso na “idade certa”, volta para recuperá-la. Como a escola só oferece alfabetização na idade certa, expulsa de novo, em nome de Paulo Freire, amém.

Pedro Demo

Professor titular aposentado Universidade de Brasília (UNB)
PPGDH e PPGPIJ (CEAM)

OS AUTORES DO LIVRO

Adriana Gandin

Pedagoga e pós-graduada em Tecnologias Google for Education e em Gestão de Pessoas. Autora de dois livros sobre Projetos na Escola e de diversos artigos com temas ligados à Educação e à Tecnologia Educacional. Trabalha na área da Educação desde 1988, principalmente em instituições da rede privada de ensino, atuando na educação básica e na educação superior. Atualmente, é especialista de tecnologia educacional na FTD Educação e docente em cursos de pós-graduação. Desde 1997 dedica-se à formação de professores e ao estudo sistemático do trabalho com projetos e, desde 2010, ao uso das tecnologias digitais na Educação.

E-mail: adrianagandin@gmail.com

Ana Ruth Starepravo

Doutora em Educação pela USP, Pedagoga e Mestre em Educação pela UFPR. Mãe de trigêmeos, professora, escritora e pesquisadora na área de Educação Matemática. Uma educadora inquieta, eterna caminhante e apaixonada pelos mistérios desse fascinante processo que nos acompanha e nos transforma ao longo da vida: o APRENDER.

E-mail: starepravo@uol.com.br

Bernard Charlot

Nascido em 1944, em Paris, vive no Brasil desde 2003. Formado em Filosofia, é Doutor e livre-docente da Universidade de Paris X. Professor Titular Emérito em Ciências da Educação da Universidade de Paris 8, ele já foi professor nas Universidades de Túnis e de Paris e Professor-Visitante em Porto e na Universidade Federal de Sergipe. Escreveu 15 livros, organizou mais 7, publicou dezenas de capítulos e artigos científicos. Seus livros e artigos foram publicados ou traduzidos em 18 países. Seu último livro, publicado em 2020 e traduzido em português: *Educação ou Barbárie? Uma escolha para a sociedade contemporânea* (Cortez, 2020). É Doutor Honoris Causa da Universidade de Patras (Grécia), da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: bernard.charlot@terra.com.br

Celia Maria Rodrigues da Costa Pereira

Doutora em Sociologia e Mestra em Educação pela UFPE. Prof. do Centro de Educação e da Pós-graduação em Filosofia da UFPE. Membro do NEPEDH (Núcleo de Estudos e Pesquisa de Educação em Direitos Humanos, Diversidade e Cidadania na UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos da UFPE. Atua nos seguintes temas: democracia, cidadania, participação, direitos humanos, gestão, escola e ensino e outros.

E-mail: celiacostapereira@gmail.com

Celso dos Santos Vasconcellos

Doutor em Educação pela USP, Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP, Pedagogo, Filósofo, pesquisador, escritor, conferencista, professor convidado de cursos de graduação e pós-graduação. Foi Professor (Educação Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, Pós-Graduação), Orientador Educacional, Coordenador Pedagógico e Diretor de Escola. É consultor de secretarias de educação, diretor do Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica, em São Paulo. Pós-doutorando em Devir-Criança com os professores Rafael, Bruninho, Isadora, Leonardo, Laura, Victoria e Isabella, meus netos!

E-mail: celsovasconcellos@uol.com.br

Cesar Nunes

Livre docente em Educação, Professor Titular de Filosofia e Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP, Brasil, é Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas PAIDEIA e Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas e Promoção dos Direitos Humanos.

E-mail: cnunes@unicamp.br

Cipriano Luckesi

Licenciado em Filosofia, Mestre em Ciências Sociais, Doutor em Filosofia da Educação, Professor aposentado da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: ccluckesi@gmail.com

Danilo Gandin

Graduado em Filosofia (Unisinos 1963 - UFRGS 1964), graduado em Letras (UFRGS, 1967), especialista em Planejamento da Educação (UFRGS, 1970), mestre em Educação (UFRGS, 1980). Atua há mais de 50 anos assessorando escolas, prefeituras e instituições de ensino.

E-mail: danilogandin@gmail.com

Eanes dos Santos Correia

Licenciado em Educação Física e Pedagogia, Mestre em Ensino de Ciências e Matemática e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação e Contemporaneidade - EDUCON/UFS/CNPq.

E-mail: eanescorreia1@gmail.com

Eliane Pinheiro Fernandes

Aluna da escola pública desde a educação infantil. Professora de ensino fundamental por 21 anos na SME-SP e atualmente Coordenadora Pedagógica. Mestre em Educação: Psicologia da Educação (PUC-SP); doutora em Educação: Psicologia da Educação (PUC-SP); pesquisa Violência na escola e desenvolvimento da moralidade na perspectiva

da Psicologia Sócio- histórica. Membro do grupo de pesquisa CNPq Atividade Docente e Subjetividade (GADS, PUC-SP).

E-mail: elianepinfer@gmail.com

Isabel C. H. Parolin

Pedagoga, Psicopedagoga clínica e consultora institucional de escolas públicas e privadas em todo o Brasil. Mestre em Psicologia da Educação - PUCSP. Professora em cursos de pós-graduação na área da aprendizagem, inclusão escolar e relação família, escola e aprendizagem. Pesquisadora do grupo GAE-PUC-PR. Consultora da Educação Presente Ltda. Conselheira Nata da Associação Brasileira de Psicopedagogia-Seção Paraná. Palestrante para pais e professores. Autora de 24 livros/ e-books e 7 cursos em CDs sobre Aprendizagem e temas destinadas aos psicopedagogos, professores e familiares, tendo como tema central: como uma pessoa aprende (e o entorno do não aprender).

E-mail: isabelchparolin@gmail.com

Itamar Nunes Da Silva

Doutor em Educação, com área de concentração em Direitos Humanos, Diversidade e Cidadania, Mestre em Ciência Política pela UFPE. Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba. Atua no NEPEDH (Núcleo de Estudos e Pesquisa de Educação em Direitos Humanos, Diversidade e Cidadania na UFPE). Trabalha com os seguintes temas: Direitos Humanos, Educação em Direitos Humanos, Estado e democracia.

E-mail: itamarns@gmail.com

Jane Patricia Haddad

Mestre em Educação pela UTPR, Docência do Ensino Superior pela UNI-BH, Psicanalista com Formação em Teoria Psicanalítica UFMG e Pedagoga pela PUCMG. Uma humana que aposta na Humanidade, sou o efeito e feito da linguagem em meu percurso de vida e agente de um futuro possível.

E-mail: janepatinha@gmail.com

Jaqueline Moll

Pedagoga. Foi professora dos anos iniciais do ensino fundamental. Doutora em Educação pela UFRGS e Professora Titular da Faculdade de Educação desta Universidade. Foi Diretora de Educação Integral do Ministério da Educação (2005-2013), tendo participado efetivamente da construção do Programa Mais Educação e do Programa de Integração da Educação de Jovens e Adultos a Educação profissional (PROEJA). Agraciada com o Prêmio Cora Coralina da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED) pela contribuição da Educação como inclusão social. Pós Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do RJ.

E-mail: jaquelinemoll@gmail.com

José Carlos Libâneo

Doutor em Filosofia e História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutor pela Universidade de Valladolid (Espanha). Professor titular da PUC Goiás e professor aposentado da Universidade Federal de Goiás.

E-mail: libaneojc@uol.com.br

José Pacheco

Antropedagogo e Mestre em Ciências da Educação. Designer educacional. Principal culpado pelo projeto da Escola da Ponte. Cúmplice do Projeto Âncora e da Escola Aberta de São Paulo. Aprendiz de utopias.

E-mail: jpacheco.1951@gmail.com

Júlio Furtado

É graduado em Geografia, Pedagogia e Psicologia. É mestre em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Havana. É professor universitário aposentado, ex-reitor e realiza cursos de formação continuada para professores e gestores escolares em todo o Brasil há 35 anos. Atualmente é gestor escolar e orientador educacional do Colégio Professor Anselmo em Mesquita, RJ.

E-mail: juliofurtadoprof@gmail.com

Katia Cristina Barbatano dos Santos Borges

Professora, por paixão e por opção diária. Há 28 anos na rede pública municipal. Formada no magistério pelo CEFAM e na pedagogia pela UNESP. Curiosa por natureza e ofício, continua a estudar e pesquisar o fazer pedagógico com e para as crianças.

E-mail: santos.katiacristina@gmail.com

Luca Rischbieter

Luca Rischbieter vive em Curitiba e é formado em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, com Licenciatura e Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Paris V. Sua atuação por mais de uma década com redes públicas de educação infantil resultou na obra “A História do Pequeno Reino”, uma proposta curricular completa. É autor de três livros de literatura infantil, “O Planetinha Tosse Tosse”, “O Planetinha Encharcado” e “João e Maria no Mundo da Lua”. Foi consultor pedagógico, por quase três décadas, da Positivo Tecnologia. Desde 2009 é sócio da Casa Labirinto-Labirintos Lúdicos, uma iniciativa que, com a mediação de “tecnologias analógicas”, se soma aos esforços para promover processos de educação e qualificação mais lúdicos, criativos e interativos.

E-mail: lucaapr4@gmail.com

Maria Agraciada

Mãe, avó e costureira de mundos. Educadora, arquiteta e pesquisadora de educação indígena e arquitetura de terra. Mulher de linhagem Tupinambá e ativista das causas dos povos Pataxó Hã-hã-hãe e Tupinambá do Sul da Bahia. Idealizadora e diretora do Instituto Etno, gestora de projetos de empoderamento feminino e juvenil. Palestrante dos temas: Educação Democrática, Empoderamento Feminino, Ervas Medicinais, Arquitetura Viva e Geobiologia. Integrante da RedHumani, UniProsa, da Teia dos Povos da Bahia e São Paulo, Rede Terra Brasil, MOANE, Mulherio das Letras, ANMIGA, Aliança das Ecoversidades, pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Movimento Plurinacional Wayrakuna CNPQ/UNEB, e articuladora da Economia de Francisco e Clara.

E-mail: instituto.etno@gmail.com

Maria Carmen Silveira Barbosa

Graduada em Pedagogia, pela UFRGS, mestre em Planejamento da Educação (UFRGS), Doutora em Educação pela Universidade de Campinas (2000), Pós-doutora em Educação pela Universidade de VIC (Espanha, 2013). É Professora Titular em Educação Infantil na UFRGS. Atua como professora no PPGEDU na UFRGS, atuando na Linha de Pesquisa Estudo sobre a infância, e como pesquisadora no GEIN – Grupo de Estudos em Educação Infantil. Foi consultora do Mec para as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil e Base Nacional Comum Curricular. Participa do Movimento Interfóruns de Educação Infantil (MIEIB). Desenvolve pesquisas nas áreas de infância, currículo, didática, formação de professores, políticas públicas na Educação Infantil.

E-mail: licabarbosa@gmail.com

Maria de Lourdes Rangel Tura

Maria de Lourdes Rangel Tura tem graduação em Ciências Sociais pela PUC/ Rio de Janeiro e Pedagogia pela Universidade Santa Úrsula / Rio de Janeiro. É mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UFRJ. Trabalhou como professora do Ensino Médio no campo das Ciências Sociais e como orientadora educacional no Ensino Fundamental. Atualmente é Professora Associada aposentada da Faculdade de Educação da UERJ e está ligada à Linha de Pesquisa “Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura” do Programa de Pós-graduação em Educação - PROPEd/ UERJ.

E-mail: Itura@centroin.com.br

Maria do Socorro de Sousa

Graduada em Pedagogia, mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR (2003), doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2014). Atualmente é professora do mestrado profissional em Ensino na Saúde da UECE, e Orientadora da Célula de Gestão do Conhecimento e Pesquisa em Saúde da

Coordenadoria de Educação, Trabalho e Pesquisa em Saúde (COEPS) da Secretaria da Saúde do Ceará.

E-mail: sousams3@gmail.com

Marineide de Oliveira Gomes

Ativista pelo direito à Educação. Pedagoga, Mestra em Educação (FE USP) e Mestra em Estado, Governo e Políticas Públicas (FLACSO). Doutora em Educação (FE USP), com Pós-Doutoramento na mesma área (Universidade Católica Portuguesa - Lisboa). Professora e pesquisadora dos campos das Políticas Educacionais, Políticas para as Infâncias e Territórios Educativos.

E-mail: neide.ogomes@gmail.com

Mário Sérgio Vasconcelos

Professor de Psicologia do Desenvolvimento Humano e Coordenador de Permanência Estudantil da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Suas principais pesquisas e atuações profissionais estão direcionadas para as áreas do desenvolvimento infantil e criatividade, construção de valores na escola, inclusão e permanência estudantil no ensino superior.

E-mail: mario.sergio@unesp.br

Matheus Batalha Moreira Nery

Psicólogo, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe, foi Visiting Scholar na Harvard University, escreve crônicas sobre Educação, Psicologia e Questões Globais.

E-mail: mbmnery@gmail.com

Miriam Augusto da Silva

Filha da escola pública, professora Alfabetizadora, em constante formação e transformação, com a carreira toda dedicada à Rede pública, por acreditar no poder transformador da educação. Formada no magistério no Colégio Progresso e licenciatura em Educação Física, nas Faculdades Integradas de Guarulhos.

E-mail: miriam70.augusto@gmail.com

Paulo Santos Lima Júnior

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande. É palestrante e autor de livros dedicados à Educação e à Preservação Ambiental. Atualmente é consultor educacional especialista na FTD Educação.

E-mail: paulo.lima@gmail.com

Pedro Demo

Professor titular aposentado, Sociologia, UnB. Professor voluntário no PPGDH e PPGPIJ (CEAM), UnB. PhD Sociologia, Alemanha, 1971. Na UnB desde 1976. Emérito. Publica sobre sociologia da educação e metodologia científica. Foca o desafio da aprendizagem na escola pública, por conta dos desafios da cidadania popular. Enfatiza a importância do professor básico como mediador imprescindível e sugere centrar no direito do estudante de aprender, menos no ensino. Promove metodologias qualitativas da pesquisa social, para superar o positivismo lógico-experimental.

E-mail: pedrodemo@gmail.com

Raquel da Silva Basto

Professora e Coordenadora Pedagógica da rede pública que acredita na transformação do mundo pela ação das pessoas. Tem o conhecimento como valor maior que precisa ser compartilhado. Formada no magistério pela Escola Estadual Oswaldo Catalano e na Pedagogia pela Uninove.

E-mail: raquelsbasto@gmail.com

Roseli Ferreira de Souza Araujo

Formada em Pedagogia pela PUC -SP. Possui Especialização em “Ética, Valores e Cidadania” pela USP e em “Gestão da Educação Pública” pela Univesp - UAB. Foi Educadora em Creches da USP, Prefeitura de Guarulhos e Prefeitura de São Paulo. Agora, recém aposentada, espera encontrar descanso e alegria alfabetizando voluntariamente quem encontrar a sua frente.

E-mail: roselifsara@gmail.com

Simone Datoguêa Silva

Adulta por classificação biológica, intrinsecamente brincante, reconhece a ludicidade como propulsora de um desenvolvimento humano sadio e prazeroso. Atualmente, vice-diretora em Escola Pública. Formada no magistério na E.E. Dom Paulo Rolim Loureiro e Pedagogia pela Universidade de Guarulhos.

E-mail: simone.datoguea@gmail.com

Susan Regina Raittz Cavallet

Psicanalista, Psicóloga e Administradora. Mestrado em Educação. Atuei no serviço público estadual, municipal e federal, na Caixa Econômica e outras empresas, desde 1972. Trabalho com clínica individual, pequenos grupos, e como Educadora convidada na Especialização Alternativas para uma Nova Educação – MoANE e UFPR-Litoral. Busco facilitar encontros pela escuta.

E-mail: susan.rcavallet@gmail.com

Terezinha Azerêdo Rios

Mineira, de Belo Horizonte, reside em São Paulo. Graduada em Filosofia (UFMG), Mestre em Filosofia da Educação (PUCSP), Doutora em Educação (USP). Pesquisadora do GEPEFE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores (FE/USP). Membro da SOFELP – Sociedade de Filosofia da Educação dos Países de Língua Portuguesa.

E-mail: terezinha.rios@outlook.com

Tiago Rufino Fernandes

Possui graduação em Ciências Sociais, Filosofia, Letras e Pedagogia, é mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e integra o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação do Educador (GEPEFE-FEUSP). É doutorando pela mesma universidade. Atualmente é supervisor de ensino na Rede Municipal de Arujá/SP e professor de língua portuguesa na Rede Municipal de Guarulhos/SP.

E-mail: tiago_rufino@yahoo.com.br

Veleida Anahí Cápuia da Silva Charlot

Licenciada em Ensino de Ciências e Matemática, Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII, professora titular do Departamento de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática e em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade - EDUCON/UFS/CNPq.

E-mail: veleida@academico.ufs.br

Yan Wagner Cápuia da Silva Charlot

Bacharel em Direito pela Universidade Tiradentes. Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano. Doutorando em Direito pela Universidade Tiradentes. Editor Assistente da Revista Internacional Educon. Membro Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade - EDUCON/UFS/CNPq.

E-mail: yancscharlot@gmail.com

CAPA:

Leonardo Ávila Sola (8 anos), Leonardo Lima Santos (6 anos), Miguel de Brito Aguiar (7 anos), Pedro Henrique Rocha Silva (7 anos), Sophia Gomes Rufino (6 anos), Valentina do Amaral (7 anos).

UniProsa - Apresentação



A UniProsa é a Universidade que versa a prosa. A prosa que humaniza e dá sentido ao viver, numa sociedade complexa e contraditória. Uma entidade educacional Comunitária e Informal. Integrada por muitos educadores que amam o que fazem: Educar. E se educam com o que amam: a Educação Humanizadora e Emancipatória. São educadores de diferentes gerações, diferentes culturas, diferentes saberes e diferentes experiências e vivências nos Territórios Educacionais.

Rememorando a Gênese do Grupo

Vivia-se o segundo semestre de 2014. Dois avós que se conheciam e conviviam, com muitos traços de identidade compartilhados, desde o longínquo início do doutorado na FEUSP, em 1994, se encontraram mais uma vez para falar da vida, de desafios e de vivências educacionais.

Sentados no chão, da sala do Museu do Brinquedo do Libertad (Centro de Formação, Pesquisa e Assessoria Pedagógica), passaram horas brincando feito crianças, falando dos netos, contando histórias e tecendo utopias.

O tempo que contava era só o tempo de brincar e de sentir a emoção das lembranças de histórias de lutas e aprendizados vividos na esperança de construir futuros, para além das idades.

Após o longo tempo não controlado, decidiram que aquela alegria ali sentida, de avós e sonhadores de outros mundos educacionais, deveria ser compartilhada com mais amigos, que também se identificavam com o viver amoroso, fraternal e desafiador, dos campos educacionais emancipatórios.

Assim e ali nascia a UniProsa: a universidade que versa a prosa. A prosa que humaniza e dá sentido ao viver, numa sociedade complexa e contraditória. Uma entidade educacional comunitária, informal, Intergeracional, Interexperiencial, Intercultural.

Pouco tempo depois, em 21 de março de 2015, acontecia o I Encontro da UniProsa, na sede provisória (até hoje), cedida pelo Libertad, em São Paulo, com uma dezena de amigos, apaixonados pela educação.

Após muitos afetuosos prolegômenos e rodadas de prosa, foi empossado o avô El Rei Thor Celsius Primeiro e único Magnífico Reitor da UniProsa. Nessa ocasião, Valdo foi designado pelo Magnífico Rei Thor, secretário de El Rei.

Conseguimos superar, entre outras coisas, o golpe de 2016, os desgovernos de Temer e do outro, a Pandemia! Do grupo inicial, tivemos pouquíssimas baixas. Em compensação, tivemos adesões riquíssimas: outros amigos proseadores foram chegando e com eles ampliamos as linhas e cores de tudo que uma Prosa que Une pode propiciar, qual seja, Sentidos da e para a Vida.

Somos, antes de tudo, um grupo de amigos que amam de paixão a Aventura Humana, a Humanização, aquilo que comumente chamamos de Educação, especialmente na Escola! Somos um grupo em que, pela participação de cada um, pela Prosa, nos ajudamos, partilhando informações, materiais, mas também dúvidas, angústias, buscas, cuidando, sendo o ombro amigo nos momentos difíceis, parceiros nas denúncias e lutas, companheiros nos momentos de celebrar as conquistas, refletindo juntos, avançando na produção de sentido para o trabalho e para a vida como um todo, na perspectiva Democrática e Humanizadora.

“O que vale é a amizade
Foi sempre o que a gente fez
E por essa amizade
Eu faço tudo outra vez.”
(O que vale é a amizade-MPB4)

Nossos contatos para continuar a Prosa:

	http://uniprosa.com.br Aqui você encontra os livros, o Manifesto, a Carta Aberta às Professoras e aos Professores, informações sobre os autores, fotos etc.
	https://facebook.com/groups/168688751936697/
	https://youtube.com/@uniprosa4001
	uniprosa.universidade@gmail.com